



Centro Universitário de Brasília- UNICEUB
Faculdade de Ciências Da Educação e Saúde- FACES

ELEN CAROLINA CARVALHO DA SILVA

**Sugestões metodológicas para as aulas de literatura juvenil do 9º ano
para uma melhor interpretação dos textos literários pelos alunos**

**BRASÍLIA
2014**

ELEN CAROLINA CARVALHO DA SILVA

**Sugestões metodológicas para as aulas de literatura juvenil do 9º ano
para uma melhor interpretação dos textos literários pelos alunos**

Monografia apresentada ao curso de
Letras do Centro Universitário de
Brasília- UniCEUB, como requisito à
aprovação e obtenção do grau de
licenciado.

Orientador: Prof. André Luis Gomes
Moreira

**BRASÍLIA
2014**

ELEN CAROLINA CARVALHO DA SILVA

**Sugestões metodológicas para as aulas de literatura juvenil do 9º ano
para uma melhor interpretação dos textos literários pelos alunos**

Monografia apresentada ao curso de
Letras do Centro Universitário de
Brasília- UniCEUB, como requisito à
aprovação e obtenção do grau de
licenciado.

Orientador: Prof. André Luis Gomes
Moreira

BRASÍLIA, 27 de junho de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof. André Luis Gomes Moreira

Prof. Erinaldo de Oliveira Sales

Profª Larissa Dantas Oliveira

RESUMO

Este trabalho apresentou a discussão de sugestões metodológicas para as aulas de literatura juvenil do 9º ano do ensino fundamental. Ao se pensar que o professor exerce um papel fundamental na formação de leitores críticos, buscou-se investigar e analisar sugestões de metodologias que podem ser desenvolvidas nas aulas de literatura juvenil para que o aluno possa compreender o texto literário. Com base nas propostas apresentadas nos PCN'S (1998) foi visto que o texto literário tem suas especificidades, estas que contribuem para o conhecimento cultural e social do indivíduo, o estudante necessita conhecer os elementos da teoria literária, para que ele consiga entender a leitura das obras literárias e possa dialogar com o texto. E também foi visto o que apontam o Currículo da Educação Básica do Distrito Federal (2008) anos finais, que visa a interação do ensino com as práticas sociais. Assim, foi realizada uma pesquisa bibliográfica com autores como Marisa Lajolo(1995), Proença Filho (1995), Regina Zilberman(1982), Rildo Cosson, Gregorin Filho(2011), entre outros, foi visto que o texto literário em alguns contextos é ensinado apenas para a prática de leitura. Sendo assim, o ensino não é produtivo. O resultado desta pesquisa mostrou que as sugestões de metodologias que foram discutidas se voltam para a aprendizagem de maneira em que o aluno e o professor tenham um diálogo de modo interdisciplinar, através de aulas dinâmicas e interativas, assim o conhecimento se torna mais eficaz e atrativo.

PALAVRA- CHAVE: Leitura. Texto Literário. Metodologias. Literatura Juvenil.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter estado sempre comigo e ser meu guia espiritual iluminando a minha vida e de meus familiares.

Agradeço a minha família, meus pais Raimundo e Maria da Conceição, em especial a minha mãe por ter me dado a vida e ser um exemplo de mulher a ser seguido, ela é a responsável por eu ter conseguido chegar até aqui. Mãe, obrigado por tudo!

Agradeço também as minhas irmãs Isabela, Thaís, Fernanda e Renata por todo apoio e compreensão. A Renata que é minha irmã e melhor amiga e torce por mim em todos os momentos! Obrigada

Agradeço aos meus amigos da turma em especial a Viviane, Luís Fernando, ao saudoso amigo Alan e a Mayara amiga desde começo do curso. A todos obrigada por proporcionar os melhores momentos vivenciados nesse período especial de minha vida.

Agradeço aos docentes do curso de Letras do UniCEUB pela dedicação e por compartilharem seus conhecimentos. Em especial ao professor Amauri que é um grande mestre, a professora Cátia Martins que é uma excelente professora e a professora Maria Eleusa por toda sua dedicação, enfim a todos os professores que contribuíram para minha formação acadêmica. Foram bons momentos! Obrigada

Agradeço em especial ao Professor André Luís Moreira por ser um grande profissional e dividir os seus conhecimentos comigo. Sou grata pela sua compreensão e apoio durante o período do TCC. Obrigada por tudo!

Sumário

Introdução	7
1. A leitura em sala de aula.....	9
1.1 Literatura e linguagem literária	10
2. Definição e características da literatura juvenil	16
2.1 Literatura infantil.....	16
2.2 Literatura Juvenil	18
3. Metodologias de ensino de literatura juvenil.....	21
3.1 Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa- (PCN'S)- Texto literário	21
3.2 Currículo de literatura para o 9º ano do ensino fundamental.....	23
3.3 Perspectivas de ensino do texto literário	24
3.4 Sugestões metodológicas para o trabalho com leitura de textos literários do 9º ano	27
Considerações Finais	31
Referências	33

Introdução

Este trabalho tem por objetivo verificar as contribuições das aulas de literatura juvenil do 9º ano para a compreensão do texto literário pelo aluno. Muitos são os jovens que gostam de ler vários livros, mas será que eles entendem a leitura dos textos literários? O professor está atento às dificuldades de seus alunos na compreensão da linguagem literária? Nesse sentido, faz-se necessário analisar os recursos que são utilizados pelo professor nesse processo de mediação da linguagem literária.

Muitos são os alunos que não conseguem entender a linguagem literária, pois pensam que é difícil por ser cifrada e, muitas vezes formal. Eles se distanciam dela porque é diferente da linguagem que eles utilizam no cotidiano. Em consequência disso, o professor no processo de ensino dos textos literários encontra dificuldade em virtude dessa resistência à leitura. Percebe-se que, vinculado a essa realidade, há também o fato de que, efetivamente, o aluno não entende o que lê, por isso reage aversivamente a essa atividade.

Para Irlandé Antunes (2003), a atividade da leitura deve ser direcionada para a interação verbal e não somente para a estrutura do texto, pois o leitor precisa das informações que nele contém e do seu conhecimento de mundo para que ele possa interagir melhor com o texto. Portanto, a leitura estabelece um diálogo do autor com o leitor através das informações do texto e do conhecimento prévio de quem está lendo.

Antunes (2003 p.70) ressalta que “a leitura é uma atividade de acesso ao conhecimento produzido, ao prazer estético e, ainda, uma atividade de acesso às especificidades da escrita”. Assim, o leitor passa a ter contato com várias informações que foram apresentadas pelo autor e ao conhecimento linguístico que é um componente importante para que se entenda melhor o texto literário.

Sabe-se que a literatura apresenta muitas possibilidades de ensino, uma delas a de interpretar variados textos e é nessa vertente que esta

pesquisa se orienta, pois a aula de literatura juvenil deve possibilitar ao aluno a capacidade de interpretar, ou seja, de compreender o texto literário.

Segundo José Nicolau Gregorin Filho (2001 p.65),

Para analisar literatura juvenil, é preciso tomar a mesma postura utilizada para a análise crítica de uma obra de arte e, assim, estar diante de um olhar do homem perante uma experiência social e cultural vivenciada no contexto de sua produção, além de estar diante de um processo de comunicação historicamente construído em que um destinador já experiente (no que diz respeito a seu fazer social) se dirige a um destinatário (adolescente) com o intuito de expressar esse “olhar o mundo.

Nesse contexto, a pergunta que orienta esta pesquisa é: **quais metodologias podem ser utilizadas nas aulas de literatura juvenil do 9º ano, para uma melhor interpretação dos textos literários pelos alunos?**

Os objetivos específicos que orientam a construção dos capítulos são: conceituar literatura e linguagem literária; definir e caracterizar literatura juvenil; analisar as metodologias de ensino da literatura juvenil e enfim, as contribuições das aulas de literatura juvenil para a compreensão do texto pelo aluno.

A metodologia utilizada nesta pesquisa constitui-se de pesquisa bibliográfica, que tem por objetivo analisar abordagens metodológicas de ensino de textos literários.

Entre os autores utilizados nesta investigação estão Domício Proença Filho, Afrânio Coutinho, Hênio Tavares, José Nicolau Gregorin Filho, Regina Zilberman, entre outros, além de documentos como os **Parâmetros Curriculares Nacionais** e o **Currículo da educação básica do Distrito Federal, séries finais do ensino fundamental**.

1 LEITURA EM SALA DE AULA

Na atualidade, a leitura tem sido muito discutida tanto no âmbito escolar, quanto na sociedade. É comum que se vejam campanhas voltadas para esse assunto, pois muitas pessoas apresentam dificuldades na leitura de variados textos porque ler não é somente decodificar, é principalmente compreender o que está sendo lido.

É importante destacar que o professor de literatura passa alguns livros literários durante o ano para que os alunos façam a leitura, e essa obrigatoriedade da leitura, muitas vezes, faz com que o adolescente não goste de ler as obras literárias, pois essa “imposição” de ler faz com que ele se distancie dos livros literários.

Esta pesquisa visa analisar metodologias de ensino para aulas de literatura juvenil do 9º ano que ajudem os alunos a compreenderem melhor o texto literário. Com isso, percebe-se a importância de se discutir leitura e o texto literário. Dessa forma, é necessário mencionar que a leitura é importante para que o aluno entenda o texto, mas se a aprendizagem for direcionada somente para a prática da leitura, o professor deixará de ensinar os elementos que estruturam o texto literário, esses que são significativos para que o aluno possa apreciar toda a estética e riqueza da obra literária, assim como ela merece ser contemplada.

Marisa Lajolo (1995. P.120) afirma que

A assimetria entre as experiências de leitura da clientela escolar e as expectativas de leitura da instituição escolar talvez explique por que os reflexos das teorias da literatura, que se manifestam na esfera escolar, são diluições e generalidades cristalizadas em roteiros de leitura e similares que desfiguram a teoria, tornando uma atividade sem significado além do cumprimento de um programa e quase sempre tão mecânica quanto a memorização.

Pode-se observar que os textos literários no contexto escolar são mais utilizados para trabalhar a leitura e assim a teoria literária é deixada de lado, de modo que o ensino não mostra como é estruturada a narrativa: o enredo, os personagens, o tempo, o espaço, entre outros. Com isso, a aprendizagem não é eficaz porque o aluno não entende o que é o texto literário, por isso fica difícil

de compreender a estética da obra literária, por pensar que a sua função principal é apenas praticar a leitura.

O professor no processo de ensino do texto literário exerce um papel muito importante na mediação entre a teoria literária e a compreensão do texto pelo aluno. Assim, Lajolo (1995, p.117) afirma que

[...] As teorias literárias, embora não tendo contribuído diretamente para a prática escolar de leitura, acabam influenciando bastante estas mesmas práticas. Sua influência na leitura escolar, por exemplo, traduz-se em inspirar roteiros ou atividades de leitura a se rem executados em classe sob a batuta de um professor que, via de regra, desconhece a paternidade ilustre de atividades que desenvolve em suas aulas. [...]

Não é raro perceber que o professor na aula de literatura, muitas vezes apresenta os textos visando trabalhar somente a prática da leitura dos alunos, assim a aula de literatura não tem sentido porque ela não mostra os elementos que constituem o texto literário que são essenciais para que o estudante aprenda a conhecê-lo e diferenciá-lo de outros textos. Assim, sem o respaldo técnico, o aluno fica refém de uma leitura assistemática que não lhe traz eficiência na leitura.

1.1 LITERATURA E LINGUAGEM LITERÁRIA

O conceito de literatura é polissêmico, a partir de quem o define. Para o sujeito comum, corresponde a um conjunto de textos difíceis, onde o escritor mostra toda a sua habilidade no exercício da escrita. Para Afrânio Coutinho (1987), a Literatura revela o estético, é uma arte que trabalha artisticamente a palavra, ela se inspira nos acontecimentos da vida cotidiana, mostrando assim diversas épocas, costumes, comportamentos, situações políticas e sociais, entre outros. Para Domício Proença Filho (1995), ela é a arte de falar através das palavras. O escritor vai além da escrita, visando atingir emoções e sentimentos diversos. Portanto, é necessário que o leitor do texto literário leia com atenção para poder compreender esses aspectos. Assim pode-se ver a proximidade que existe entre a base linguística e a literária, de modo que uma complementa a outra. A linguagem literária é marcada por vários significados, ou seja, ela é polissêmica, permitindo diversas possibilidades de leitura.

Sobretudo, é o exercício da linguagem com a palavra que caracteriza a literatura, pois ela funda mundos e seres, partindo da própria realidade, mas, sem ter compromisso com a verdade. Dessa forma, literatura é ficção.

A linguagem literária apresenta algumas diferenças em relação à não literária. A primeira preocupa-se em superexplorar os recursos linguísticos da semântica, sintaxe, efeitos sonoros da língua, entre outros. Ela vai além do aspecto semântico da palavra, assim prende a atenção de quem lê por ser elaborada e criativa. Já a linguagem não literária é denotativa, enfatiza o significado, conteúdo do texto no sentido real da palavra e busca informar e argumentar. Dessa forma, são características do texto literário a linguagem conotativa, a narrativa de ficção e a verossimilhança, preocupando-se com o “como” da mensagem transmitida. Já o texto não literário preocupa-se com a coesão, coerência, informatividade e conteúdo do texto, ou seja, detém-se com “o quê” da mensagem a ser transmitida.

Proença Filho (1995) afirma que o texto literário possui uma linguagem formal, seu escritor utiliza as palavras de maneira que elas ganham significados além do seu sentido real. Por isso, ela é classificada como conotativa. O texto literário é uma produção que se dá por meio de palavras que se encaixam formando um discurso com diversas possibilidades de sentido, tendo a influência da cultura em que a língua está associada.

O conceito de conotação é essencial para se estudar literatura. A linguagem utilizada para a comunicação cotidiana é informal, objetiva e necessita ser clara. Já o discurso literário utiliza a linguagem para reproduzir a realidade humana, como o meio social, físico, e os sentimentos que são demonstrados através das palavras da língua na figura do objeto estético. Proença Filho lembra ainda que muitos falam que a obra literária é a representação do mundo real, representação esta construída pela linguagem.

A literatura é ficção, ela se inspira nos acontecimentos da vida, por isso apresenta a verossimilhança com a realidade humana. As palavras do texto literário apresentam o elemento estético, portanto a linguagem literária trabalha as palavras esteticamente possibilitando ao leitor múltiplas possibilidades de interpretações.

Ao falar sobre literatura, é comum também mencionar os estilos de época. Para Hênio Tavares (1981, p. 45), “Estilo de época é o estilo que apresenta uma fisionomia geral; própria e inconfundível em cada época.” Destacam-se: Renascimento, Barroco, Neoclassicismo, Romantismo, Realismo, Simbolismo, Impressionismo e Modernismo. O autor assegura que as escolas não devem ser enxergadas em divisões ligadas precisamente ao tempo e a datas, por existirem diversos artistas que podem ser colocados ou associados a muitas escolas. Dessa forma, o critério cronológico apresenta-se apenas como um critério didático para a compreensão da literatura.

Tavares (1981, p. 45) afirma ainda que:

Escola é o conjunto de artistas, irmanados conscientemente ou inconscientemente, por semelhantes princípios de criação estética; será, pois, o conjunto de escritores, literalmente falando, que seguem processos ou cânones similares.

Além de o texto literário se organizar de acordo com as influências sócio-históricas que recebe de cada período estético, ele também se manifesta de acordo com a própria estrutura do texto.

Proença Filho (1975) assegura que o texto literário se dá através das manifestações em prosa e das manifestações em verso. O texto em prosa se manifesta em conto, novela, romance.

O foco da investigação deste trabalho é o texto em prosa. Para Massaud Moises (1979), as formas em prosa fazem parte da teoria e filosofia literária e por isso são muito complexas. No século XVIII os estudiosos literários estudavam mais sobre poesia e as formas em prosa eram menos investigadas. E, quando estudadas, eram vistas como inferior à epopeia e até mesmo a tragédia. Com o passar do tempo, o romantismo e a propagação do romance foi conquistando seu espaço e assim fez com que muitos estudiosos literários o quisessem investigar.

Segundo Massaud Moises (1979), o conto no sentido literário significa ficção e é desconhecida sua origem. Foi nos séculos XVI e XVII que ele se expandiu na Itália e também na França, quando surgiram vários contistas. Mas foi no século XIX que essa narrativa teve mais êxito, ficou

conhecido como forma “nobre”, tendo grande expansão e propagação. Dentre os contistas brasileiros mais conhecidos está Machado de Assis.

O conto é objetivo e muitas vezes sua narração acontece em terceira pessoa. Possui poucas personagens que podem ser estáticas ou planas, sendo determinados o tempo e espaço, e os acontecimentos se dão em curto espaço de tempo. (PROENÇA FILHO, 1995)

A novela é conhecida pelas manifestações populares de cultura, aproxima-se da vida cotidiana por mostrar a realidade de forma fictícia. Uma de suas características é a pluralidade dramática, o espaço está ligado ao tempo conforme os acontecimentos se dão. (PROENÇA FILHO, 1995)

O romance tem um protagonista comum que vivencia a realidade cotidiana, como um professor, um padeiro ou uma empregada doméstica. Sua temática varia conforme os acontecimentos da vida. Existem vários tipos, como o romance de ação, onde a fabula é predominante, seu escritor enfoca a intriga em seu texto. Há o romance de personagem, onde a narrativa mostra principalmente as características do protagonista e de outros personagens. E também existe o romance de espaço em que a narrativa é voltada para os aspectos do ambiente. (SALVATORE D'ONOFRIO, 1995)

Para Proença Filho (1995), as formas em prosa têm em sua composição: os personagens, tempo, espaço e ocorrem dentro de uma ou várias temáticas. Para compreender um texto em prosa, é importante entender cada componente dessa modalidade.

A narrativa realiza-se por meio de um narrador, que pode ou não participar da história, isso é chamado de visão da narrativa. A história pode ser descrita em primeira pessoa por um dos personagens participantes da narrativa e também ela pode ser contada em terceira pessoa por um narrador que está fora dos acontecimentos, e conhecer toda a história, ou personagem por inteiro e saber pouco dos personagens. É através dos personagens que ocorre o enredo da narrativa eles podem ser de origem da natureza: seres humanos, animais e fenômenos da natureza como a chuva e o vento. Também pela variedade podem ser individuais, mostrando sua personalidade; típicos, quando

têm características que mostram algum grupo social como, por exemplo, um padre que pertence ao grupo religioso. (PROENÇA FILHO, 1995)

Jonathan Culler (1999, p.85) afirma que

A teoria da narrativa (“narratologia”) é um ramo ativo da teoria literária e o estudo literário se apóia em teorias da estrutura narrativa: em noções de enredo, de diferentes tipos de narradores, de técnicas narrativas. A poética da narrativa, como poderíamos chamá-la, tanto tenta compreender os componentes da narrativa quanto analisa como narrativas específicas obtêm seus efeitos.

Como foi visto, o narrador faz parte da estrutura da narrativa e existem vários tipos. D’Onofrio (1995, p.54) ressalta que “Na arte da narrativa, o narrador nunca é o autor, mas um papel por este inventado: é uma personagem de ficção em que o autor se metamorfoseia”. Ele mostra que o narrador é um personagem fictício criado pelo autor, ade modo que as emoções expressas por ele não são precisamente as de quem o criou.

D’onofrio (1995) mostra que existem vários tipos de narrador e o divide em duas categorias. À primeira, dá o nome de narrador pressuposto, que está em textos que não apresentam de maneira explícita o narrador ao destinatário. Entre eles estão o narrador onisciente neutro, que sabe de tudo o que se passa na narrativa, seja no ambiente, ou o que os personagens estão sentindo. O narrador onisciente intruso é parecido com o que foi apresentado anteriormente, com a diferença de que ele pode parar de narrar os acontecimentos, as características dos personagens e do ambiente, com a intenção de falar sobre o que se passa e julgar o que acontece. O narrador onisciente seletivo, mesmo apresentando o discurso, mostra a visão de um ou mais personagens, mas precisamente no exato instante em que o personagem pensa, ele mostra os seus pensamentos. O segundo grupo é do narrador-personagem, a cujas atenções se voltam para um personagem da ficção que de dentro da narrativa passa a narrar a história. Seus tipos são narrador-protagonista, quando é um personagem que conta os fatos vividos por ele apresentado a sua visão do que aconteceu. Outro tipo é o narrador-secundário, um personagem que não é principal, mas participa dos acontecimentos em segundo plano.

Para Culler (1999) a teoria da narrativa apresenta a estrutura que é o enredo. Existem duas maneiras de ele ser contado. Na primeira, o enredo mostra os fatos que ocorrem na história, tanto os escritores e os leitores se baseiam nele para dar sentido ao que se passa na narrativa e, na segunda, o enredo se configura pelas narrativas, pois elas mostram uma história contada de formas diferentes.

Proença Filho (1995, p.52) ressalta que “A narrativa é a designação genérica atribuída aos textos em que se caracteriza uma sequência de acontecimentos ou uma história”.

Além desses dois elementos, narrador e personagem, há também outro componente, a personagem.

Beth Brait (2006, p. 11) afirma que:

[...] Ao discutir a questão personagem-pessoa, os autores procuram salientar dois aspectos fundamentais:

- O problema da personagem é, antes de tudo, um problema linguístico, pois a personagem não existe fora das palavras;
- As personagens representam pessoas, segundo modalidades próprias da ficção.

Percebe-se que a personagem existe somente na ficção. Ela é como a literatura que busca representar a realidade, sendo assim, representa pessoas em essência na ficção com suas características físicas e psicológicas. Mas essas são fictícias.

Já sobre o tempo da narrativa ele é cronológico quando as horas são dias, meses e anos apresentando a duração de tudo que ocorreu. Esse tempo é objetivo e difere-se da subjetividade do tempo psicológico que se dá individualmente, sem delimitações cronológicas. Subvertendo a cronologia, o tempo psicológico ancora-se sobretudo na memória ou na imaginação de quem conta a história.

2 DEFINIÇÃO E CARACTERÍSTICAS DA LITERATURA JUVENIL

Como poderá ser visto adiante, a literatura juvenil no Brasil teve a influência de outros países, como Portugal. Os portugueses, como foram os

colonizadores do Brasil, exerceram maior influência porque os primeiros textos foram trazidos de suas terras e com o passar do tempo foram surgindo os escritores brasileiros.

Antes de se conceituar e definir literatura juvenil, é preciso que seja falado a respeito da literatura infantil, quando tudo teve seu início. Por isso, a seguir serão apresentadas a sua origem e características.

2.1 LITERATURA INFANTIL

A literatura infantil surgiu após vários acontecimentos ocorridos no século XVIII, pois foi quando a criança passou a ser enxergada pela sociedade como um ser que tem necessidades diferentes dos adultos. Assim, também a literatura precisava ser adequada para esse novo público que estava surgindo.

Segundo Lúcia Pimentel Góes (1991, p.47)

Alguns escritores afirmam que “a literatura infantil seria um gênero incompreensível sem a presença da criança, que seria o seu único destinatário”. Explicam eles que, na sociedade antiga, não havia infância, entendida como “nenhum espaço separado no mundo adulto”. Portanto a literatura infantil só surgiria com a ascensão da ideologia burguesa, a partir do século XVIII.

Pode-se observar que no passado não se considerava a infância. Portanto, não tinha uma literatura voltada para as crianças. Somente no século XVIII, a criança passou a existir, pois foi enxergada como um ser diferenciado do adulto, com necessidade de uma educação que atenda as suas especificidades para que possa se desenvolver e se tornar adulta. Assim a literatura infantil conquistou o seu espaço e a partir de então, passaram a existir obras destinadas especificamente ao público infantil.

Maria Antonieta Antunes Cunha (1997) destaca que a literatura infantil tem sua origem com livros pedagógicos vindos de Portugal. Ela mostra várias questões sobre a literatura voltada para as crianças, entre elas estão alguns autores que não assumem escrever seus livros especialmente para crianças. Eles dizem que suas obras são feitas sem destinatário. E ainda existem os que dizem que, ao fazerem seus livros, podem pensar no público infantil ou não. Esses geralmente escrevem para os adultos e também para as crianças. No

Brasil, a literatura infantil teve em Monteiro Lobato um dos maiores escritores desse gênero. Esse autor apresenta na sua escrita o folclore brasileiro e criações imaginárias que enriquecem a sua narrativa.

Antunes da Cunha (1997) destaca que a literatura era diferenciada de acordo com a classe social. A criança da burguesia normalmente lia os grandes clássicos, a criança da classe social baixa lia as histórias de cavalaria ou de aventura. A literatura de cordel era popularmente conhecida através de lendas e contos contados.

Regina Zilberman e Ligia Cademartori (1982, p.3) destacam que:

[...] A literatura infantil apareceu durante o século XVIII, época em que as mudanças na estrutura da sociedade desencadearam repercussões no âmbito artístico que persistem até os dias atuais. Assim entraram em decadência os gêneros clássicos, como a tragédia e a epopeia, ascendendo em seu lugar o drama, o melodrama e o romance, voltados à manifestação de eventos da vida burguesa cotidiana, deixando de lado os assuntos mitológicos e as personagens aristocratas. Além disto, o progresso das técnicas de industrialização atingiu a arte literária, gerando produções em série de fácil distribuição e consumo, o que foi posteriormente designado como cultura de massas. É neste contexto que surge a literatura infantil; seu aparecimento, porém, tem características próprias, pois decorre da ascensão da família burguesa, do novo status concedido à infância na sociedade e da reorganização da escola.[...]

Muitas foram as transformações ocorridas no decorrer do século XVIII, entre elas estão a descoberta da infância e assim a escola passou a se adequar as necessidades da criança. Esses acontecimentos foram essenciais para a origem da literatura infantil. Assim, a criança conseguiu conquistar o seu espaço dentro do cenário literário.

Zilberman e Cademartori (1982, p.22) falam sobre a literatura infantil :

Ao se particularizar seu conceito, mostra-se imprescindível o recurso à sua história, uma vez que as condições que decretaram seu nascimento se imprimem nos próprios textos, aparecendo através do didatismo, da presença de informações moralizantes e da veiculação de normas de percepção estética. Assim, acaba por legar um horizonte de expectativas- ético e/ ou estético- a quem não o tinha. É este o limite externo do livros para jovens, que não se liberta da índole teleológica, originada no caráter pragmático e finalista da ideologia burguesa que patrocinou seu aparecimento. Assumem então traços educacionais, fazendo-se útil à formação da criança e capturando-a efetivamente, ao transformar o gosto pela leitura numa disposição para o consumo (o que explica sua aproximação, por parte

de alguns teóricos, à cultura de massas e à história em quadrinhos) e para a aquisição de normas.

Dessa maneira, pode ser visto que com a ascensão da literatura infantil surgiu o interesse pela leitura. Isso contribuiu para o consumo dos livros destinados às crianças e também para que os escritores quisessem produzir mais textos de maior gosto popular como as histórias em quadrinhos.

Percebe-se o importante caminho que foi traçado pela literatura infantil, pois antes não havia obras literárias escritas para crianças, e assim, com essa conquista foi aberto espaço para literatura juvenil que será aprofundada e discutida a seguir.

2.2 LITERATURA JUVENIL

A literatura juvenil surgiu no século XIX após a literatura infantil quando a criança conquistou o seu espaço abrindo também lugar para o jovem na sociedade.

Segundo José Nicolau Gregorin Filho (2011), foi no século XIX que a literatura juvenil, mesmo estando ligada à infantil, passou a ser ensinada na Europa, assim com a sua propagação chegou até o ensino brasileiro com os textos que foram traduzidos de terras portuguesas. Os textos abordavam temas culturais dos países de onde eram trazidos, como França e Inglaterra. A partir da história da literatura juvenil portuguesa, é que podem ser vistas as contribuições desse povo para a leitura e literatura infanto-juvenil brasileira.

De acordo com Natércia Rocha (1992), no final do século XIX os escritores brasileiros começaram a impor os seus trabalhos, e assim traçaram novas maneiras pedagógicas que afirmam uma expansão de espaços para o lúdico nos livros para as crianças que nessa época estavam libertando-se do conceito de povo inculto. Afirma ainda que o cunho pedagógico até nos dias atuais influencia muitos autores, porém é preciso que se faça a conscientização do elemento não didático. As obras infantis exercem funções que não são cobradas nas obras literárias para o público adulto. E são poucos os escritores que não se prendem a esses elementos e criam suas obras livremente.

Foi importante para a literatura juvenil brasileira quando seus escritores trouxeram novas formas pedagógicas, como o aumento do elemento lúdico nas obras para o público infantil. As intenções pedagógicas nos livros estão muito presentes, mas é necessário que os escritores sejam libertos e criem suas obras com mais liberdade, mesmo nos tempos modernos são poucos escritores que usufruem dessa liberdade abordando várias temáticas para as crianças e jovens.

Para João Luís C.T Ceccantini (2004, p.21)

o conceito de infância, que gera as condições de produção, muda de forma substancial; da mesma maneira, pode ser radicalmente diferente o modo como os textos são lidos, tanto por públicos primários ou secundários quanto por públicos de especialistas ou leigos. Tudo isso sugere um tipo de literatura definido mais em termos do leitor do que das intenções dos autores ou dos próprios textos. E também demonstra a relação estreita entre texto e leitor e, conseqüentemente, a peculiar honestidade e realismo requeridos pelo crítico de literatura infanto-juvenil.

Percebe-se que a definição de infância e juventude muda de maneira muito rápida, e que a sua produção também deve estar atenta para poder acompanhar esse ritmo e se adaptar. O tempo passa e o que o adolescente do passado gostava o de hoje pode não gostar, até mesmo devido aos avanços tecnológicos. Pode-se observar que a visão dos textos juvenis depende da leitura de cada pessoa, sendo ela diferenciada se for feita por um especialista da área ou simplesmente por um simples leitor.

É necessário que seja falado sobre a leitura do texto juvenil, pois o foco desta investigação visa mostrar como as metodologias utilizadas pelo professor ajudam o aluno na compreensão do texto literário.

Para Gregorin Filho (2011, p.32),

Então, estudar a literatura juvenil é (da mesma forma como se fala da literatura para as crianças ou de literatura de modo geral) vincular determinado tipo de texto às práticas sociais que foram se impondo nas comunidades e na formação dos jovens, sobretudo após a segunda metade do século XIX, época em que a escola tomou seu lugar definitivo como grande responsável pela educação das novas gerações.

Essas mudanças foram, histórica e dialogicamente, trazendo para a chamada literatura juvenil: a diversidade de valores do mundo contemporâneo; o questionamento do papel do homem diante de um universo que se transforma a cada dia; as vozes de diferentes contextos sociais e culturais na formação do povo brasileiro, sua

diversidade e dificuldade de sobrevivência; e, o mais importante, as vozes e sentimentos do adolescente nas páginas dos livros, nas ilustrações e nas diferentes linguagens que compõem a produção artística para os jovens.

O autor mostra que a literatura como um todo apresenta textos que abordam temáticas voltadas ao contexto social. Em meados do século XIX, a escola começa a ser vista como um espaço para educar as crianças e os jovens, exercendo esse papel com relevância. Contudo, é mostrado que com essas transformações a literatura juvenil passou a abordar temáticas voltadas para questionamentos do homem em relação ao que acontece no mundo e também ela procura mostrar o jovem e os seus sentimentos, dúvidas, enfim, tudo que está relacionado com a juventude.

É preciso que seja destacado que no Brasil ainda são poucos os que se dedicam a estudar a literatura juvenil. De acordo com Ceccantini (2004 p.34), há um grande “empurra-empurra (...) para ver a quem cabe o ‘pesado fardo’ de se ocupar da literatura infanto-juvenil”

Pode-se observar que a literatura juvenil precisa ser mais estudada para que assim possam surgir mais escritores e mais pesquisas sejam realizadas e divulgadas em todos os meios de comunicação, para que não fique fechada apenas no meio acadêmico. Relacionado a isso, Ceccantini (2004) afirma que:

Se considerarmos revistas semanais de grande tiragem, como *Veja*, *Isto é* e *Época* ou, para ficar circunscrito ao contexto específico paulista, se nos ocuparmos dos cadernos de cultura de jornais como *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo*, verificaremos que não há absolutamente colunas que, de forma sistemática e com periodicidade regular, se dediquem à crítica das obras infanto-juvenis lançadas no mercado. Quando muito, nos suplementos infantis ou juvenis desses jornais, ocorre a divulgação dos lançamentos de obras, acompanhada vez por outra por um ou outro comentário breve da equipe de redação ou dos próprios leitores. Para além dessas publicações, talvez se pudesse lembrar quando muito as curtas resenhas de obras infanto-juvenis em alguma revista feminina, como *Cláudia*, ou nas poucas revistas de grande circulação voltadas explicitamente ao professor de Ensino Fundamental, como *Nova Escola*. (p.34)

Ainda na atualidade, a literatura juvenil é pouco divulgada em jornais e até mesmo nas revistas voltadas para a área de educação. Dessa forma, fica difícil para o professor conhecer os novos escritores e livros desse assunto.

3 METODOLOGIAS DE ENSINO DE LITERATURA JUVENIL

No primeiro capítulo, foram discutidos os conceitos de literatura, a estrutura da narrativa e também o que é a linguagem literária. Foi vista a importância da literatura para o enriquecimento intelectual, cultural e a conscientização que ela transmite para o ser humano se tornar uma pessoa crítica, sensível e capaz de questionar o mundo em que vive. No segundo capítulo, foram definidas as características da literatura juvenil.

Neste terceiro capítulo, serão discutidas sugestões para o ensino do texto literário, visando a sua contribuição para interpretação dos textos literários pelos alunos.

Esta pesquisa tem o objetivo de analisar sugestões metodológicas para as aulas de ensino de literatura juvenil do 9º ano, tendo em vista a sua contribuição para a interpretação dos textos literários pelos alunos. Para iniciar essa análise, faz-se necessário que se veja o que apontam os **Parâmetros Curriculares Nacionais** de língua portuguesa sobre o texto literário.

3.1 *PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS DE LÍNGUA PORTUGUESA* (PCNS) - TEXTO LITERÁRIO

Os **PCN'S** de Língua Portuguesa (1998) afirmam que o texto literário se caracteriza pela ficção. Ele mostra a relação do homem com o mundo a sua volta, assim é uma representação da realidade humana ao apresentar épocas, costumes, contextos histórico-sociais. Enfim, as palavras do texto literário têm significados que vão além do sentido da palavra. Seu escritor utiliza a imaginação e vai em busca de algo novo. Assim, o ensino do texto literário deve mostrar variados textos e apresentar a literatura e tudo o que nela perpassa, como o conhecimento cultural e social.

O texto literário tem características que são importantes que sejam reconhecidas pelo leitor desse texto. Por isso, de acordo com os **PCN'S** (BRASIL, 1998, p.27) são características do texto literário:

Do ponto de vista linguístico, o texto literário também apresenta características diferenciadas. Embora, em muitos casos, os aspectos formais do texto se conformem aos padrões da escrita, sempre a composição verbal e a seleção dos recursos linguísticos obedecem à sensibilidade e a preocupações estéticas. Nesse processo construtivo original o texto literário está livre para romper os limites fonológicos, lexicais, sintáticos e semânticos traçados pela língua: esta se torna matéria-prima (mais que instrumento de comunicação e expressão) de outro plano semiótico na exploração da sonoridade e do ritmo, na criação e recomposição das palavras, na reinvenção e descoberta de estruturas sintáticas singulares, na abertura intencional a múltiplas leituras pela ambiguidade, pela indeterminação e pelo jogo de imagens e figuras. Tudo pode tornar-se fonte virtual de sentidos, mesmo o espaço gráfico e signos não-verbais, como em algumas manifestações da poesia contemporânea. O tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem. É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias.

Então, para o leitor compreender o texto literário, é preciso que ele conheça a linguagem e os elementos que compõem esse texto. É a partir disso que o leitor tem condições de explorar os elementos constituintes do texto literário, como o elemento estético e a exploração dos recursos linguísticos. Enfim, tudo isso contribui para que esse texto tenha características marcantes para quem o lê.

Conforme apresentado anteriormente, o texto literário mostra elementos que se diferem da linguagem comum. Muitos textos são escritos de acordo com as regras gramaticais, mas ele visa ir além desses elementos linguísticos, é livre para criar e mostrar o homem e o mundo de modos e aspectos distintos. Isso atribui um sentido único ao texto que aborda várias temáticas diferentes, entre elas o homem e a sociedade. A linguagem literária é criativa, mostra a diversidade da linguagem coloquial, regional, urbana, formal e informal.

Observa-se que o ensino do texto literário não deve ser focalizado somente na leitura, mas é necessário que sejam exploradas todas as suas características, como ficção, o elemento estético, verossimilhança, entre outras. Por meio da literatura, pode-se estudar a cultura e a sociedade.

Os **PCN'S** apresentam a riqueza e características do texto literário e, o professor precisa explorar todos esses aspectos para ajudar seu aluno a compreender a linguagem literária, haja vista que no processo de ensino-aprendizagem esse conhecimento faz toda a diferença.

Assim como há os **PCN'S** também vale observar o que os Currículos Oficiais apontam sobre a aula de literatura nas séries finais do Ensino Fundamental. Por isso, amplia-se essa discussão a partir da análise do documento normativo da Secretaria de Educação do Distrito Federal.

3.2 CURRÍCULO DE LITERATURA PARA O 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

O **Currículo da Educação Básica do Distrito Federal (2008)**, especificamente sobre os anos finais busca a interação do ensino com as práticas sociais para que o aluno possa ver que a teoria ensinada na escola está associada ao contexto social que ele vivencia. O ensino é direcionado para que ocorra uma renovação dos conhecimentos e valores, numa visão crítica, que possibilita aos alunos e professores a viver a aprendizagem de forma interdisciplinar, mostrando o que as disciplinas têm em comum e o que as diferenciam.

Nas aulas de literatura os alunos devem adquirir muitas habilidades. O **Currículo da Educação Básica do Distrito Federal (2008 p. 22)** apresenta os valores e virtudes que os alunos precisam conhecer são eles :

- Contexto de interação comunicativa:
- Valorizar as variedades linguísticas que caracterizam a comunidade dos falantes da Língua Portuguesa nas diferentes regiões do país;
- Valorizar as diversas opiniões e informações veiculadas nos textos, como possibilidades diferenciadas de compreensão do mundo;

- Posicionarem-se criticamente diante de textos, reconhecendo a importância dos argumentos utilizados, as posições ideológicas subjacentes e possíveis conteúdos discriminatórios neles veiculados;
- Apresentar interesse, iniciativa e autonomia para ler textos diversos de acordo com seu grau de dificuldade;
- Ser receptivo diante de leituras desafiadoras;
- Ser disponível para ampliar o repertório a partir de experiências com material diversificado e recomendações de terceiros;
- Interessar-se pela literatura como forma de expressão da cultura de um povo;
- Interessar-se por trocar impressões e informações com outros leitores;
- Posicionar-se a respeito de textos lidos;
- Fornecer indicações de leituras;
- Considerar novas informações obtidas pelas leituras;
- Interessar-se por frequentar bibliotecas, livrarias, distribuidoras, editoras, bancas de revistas, lançamento, exposições, palestras, debates, depoimentos de autores e outros, sabendo posicionar-se de acordo com a exigência do contexto;
- Localizar um texto desejado nos espaços mediadores de leitura;
- Reconhecer a necessidade de dominar os saberes envolvidos nas práticas sociais mediadas pela linguagem como instrumento para a continuidade de aprendizagem fora da Escola.

Essas habilidades são excelentes para serem desenvolvidas com os alunos durante as aulas de literatura juvenil do 9º ano do ensino fundamental porque a leitura dos textos literários torna o aluno um cidadão com senso crítico e consciente do seu papel na sociedade.

É importante que seja mencionado como o estudo da literatura juvenil pode contribuir para que o adolescente possa dialogar com o texto literário, instigando-lhe a capacidade de raciocinar sobre vários temas, estimulando argumentos sobre o que acontece na narrativa, conhecendo diversas culturas e meios sociais inseridos em épocas históricas diferentes. Enfim o estudo do texto literário provoca o estímulo de conhecimento dos estudantes.

3.3 PERSPECTIVAS DE ENSINO DO TEXTO LITERÁRIO

Rildo Cosson (2006, p.17) afirma que é função da literatura “[...] tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas”.

Existem várias discussões a respeito da leitura dos textos literários. Alguns pensam que essa leitura é feita de maneira descontextualizada. A respeito disso, Cosson (2006, p.10) destaca que a escola no processo de

ensino aprendizagem de textos literários “transformou a literatura em apêndice da disciplina de Língua Portuguesa, ou seja, a reduziu a simples leitura de fragmentos no ensino fundamental e, no ensino médio, a mera utilização de textos para se trabalhar a história literária”.

Pode-se observar que, em muitas aulas de literatura, o texto literário não é explorado de forma em que leve o aluno a refletir sobre a linguagem e a estrutura desses textos. E muitas vezes é levada somente em consideração a leitura sem o aprofundamento do texto, e isso pode ocorrer em várias aulas de Língua Portuguesa quando abordam o assunto dessa maneira, portanto, é deixada de lado toda a estrutura da narrativa que é muito rica para a aprendizagem e o conhecimento da leitura literária, a qual é eficaz e contribui para que os estudantes de literatura entendam e apreciem o texto literário.

Em relação a isso, Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira de Aguiar (1993, p. 42) ressaltam: “se o modelo almejado é o do leitor crítico, capaz de discriminar intenções e assumir atitudes ante o texto com independência, a primeira providência é sondar as necessidades dos estudantes”.

O autor João Luís Ceccantini foi mencionado no capítulo anterior quando se discutiu a definição e as características da literatura juvenil. Ele está presente também nas discussões sobre as abordagens de ensino. Ele afirma que nos últimos anos houve uma falta de interesse pela leitura de textos literários. A maioria das pessoas lê pouco ou não faz a leitura de obras literárias. Sendo assim, os livros de maior gosto popular são os religiosos, de autoajuda e de entretenimento. (CECCANTINI, 2009).

Observa-se que muitos jovens não leem textos literários constantemente. Com relação a isso, Hércules Tolêdo Corrêa (2003, p.53) afirma que

[...] Motivos que explicam a falta de leitura dos estudantes, principalmente a de textos literários, não faltam. Entre outros, fatores socioeconômicos, como, por exemplo, o alto preço dos livros e as dificuldades de aquisição devido à escassa circulação desses objetos em algumas regiões restringem os materiais de leitura. Esses fatores fazem com que muitos estudantes em nosso país só tenham acesso ao texto literário por meio do livro didático. Isso para não sermos mais dramáticos ao afirmar que em muitos casos, fora do livro didático, fica difícil o acesso a vários tipos de textos, já que em algumas regiões nem mesmo chegam jornais revistas. [...]

Como foram apresentados, muitas vezes os alunos não fazem a leitura de textos literários por falta de poder aquisitivo, pois os livros literários têm um custo muito alto e em algumas bibliotecas públicas faltam livros literários. Assim, o aluno só tem contato com a leitura literária no ambiente escolar através dos livros didáticos e dos textos passados em sala de aula pelo professor.

Muitas vezes os jovens não leem as obras literárias por causa da obrigatoriedade de ter que fazer a leitura de vários clássicos da literatura durante o ano letivo. Dessa forma, percebe-se que não é perguntado aos estudantes o que eles gostam de ler, por esses motivos os alunos acabam por se distanciar do texto literário.

No processo de ensino da leitura literária, o professor tem a função de mostrar aos seus alunos todos os componentes do texto literário para que ele possa assim compreendê-lo. Sendo assim, “É papel do professor a partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura” (COSSON, 2006, p.35).

De acordo com Graça Paulino (2003, p.19)

[...] Falta ainda um outro inimigo e irmão, o caro leitor. Há um confronto ético nessa interlocução: o autor se ausenta da cena da leitura; o leitor se apropria do texto e faz o que quer com ele. Realmente, o leitor pode fazer o que bem entender com o texto? Creio que, mais que um padrão de certo e errado na leitura literária, há um padrão ético nela incluído. A leitura literária eticamente desejável tem um campo de liberdade e de subjetividade digno de atenção, especialmente por parte dos professores desejosos ou obrigados a seguir parâmetros, supervisores, coordenadores, programas, manuais didáticos e pais [...]

Observa-se que o aluno precisa fazer a sua parte, que é ler o texto literário com atenção, buscando interpretações sobre o que lhe é apresentado. Esse texto não deve ser lido somente para prática de leitura, ele necessita que o leitor explore tudo o que nele contém. Contudo, os professores precisam acompanhar sistematicamente essa leitura mostrando toda a subjetividade e riqueza do texto literário para que o aluno possa realizar uma leitura satisfatória.

A respeito dessa discussão, é importante destacar que “ler a literatura com ética literária é, pois, seguir a proposta estética sem ignorá-la ou traí-la”. Isso significa que os textos literários devem ser lidos analisando a estrutura da narrativa e conhecendo os elementos presentes no texto como o lúdico, a temática, o enredo, os personagens, o espaço, o ambiente, o tempo. Enfim, deve-se observar todos esses aspectos pois são fundamentais para entender o texto literário. (PAULINO, 2003, p.20).

O professor é quem escolhe a metodologia de ensino a ser trabalhada com a turma. Bordini e Aguiar (1993, p.152) afirmam que “[...] a adoção de um método pedagógico supõe que se optou por uma linha filosófica de educação. Essa escolha determina todo o processo de ensino-aprendizagem, orientando-o para certo tipo de aluno que se prevê formar”.

Muitas são as discussões sobre o ensino de literatura e as metodologias utilizadas para que o texto literário possa ser compreendido. A respeito de análise literária, Rildo Cosson (2006, p.15) lembra que

[...]Os insatisfeitos, por sua vez, reclamam que o contexto social sempre esteve presente nas análises literárias. Para eles, a preocupação atual com o social é excessiva e termina por obliterar o estético, quando não promove o apagamento dos valores genuinamente literários. Além disso, a adoção indiscriminada de métodos e teorias das ciências sociais no campo literário não demonstra exatamente uma postura bem-vinda de interdisciplinaridade e de aprofundamento dos conhecimentos já obtidos em cada saber, mas sim a passagem do crítico literário da condição de especialista para a de superficialista.[...]

Ele fala que o contexto social é um tema presente quando se analisa obras literárias, mas na atualidade essa temática tem sido muito abordada e, assim, a parte estética foi deixada de lado. Com isso, o especialista em crítica literária passa a ter uma visão superficial da obra literária ao levar em consideração mais o meio social que dimensão estética do texto.

3.4 SUGESTÕES METODOLÓGICAS PARA O TRABALHO DE LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS DO 9º ANO

Depois de se comentar a importância dos **PCN’S** e do **Currículo da educação básica do Distrito Federal**, é necessário que sejam discutidas

sugestões de metodologias para o trabalho de leitura dos textos literários com alunos do 9º ano do ensino fundamental. Será visto a seguir como a literatura juvenil pode ser trabalhada em sala de aula e sugestões metodológicas que podem ser utilizadas nas aulas de aprendizagem do texto literário.

Gregorin Filho (2011) assegura que o professor deve levar em consideração o nível de leitura dos seus alunos, para poder escolher a obra a ser estudada, pois ele não deve utilizar um texto infantil para ser trabalhado com adolescentes, mas ele pode fazer um excelente material ao utilizar revistas, jornais, enfim, pois esses meios são visuais e os jovens gostam de imagens e isso ajuda a instigá-los a descobrir a leitura dos textos literários.

A leitura literária pode contribuir sobremaneira para a ampliação da competência argumentativa se as atividades forem bem exploradas e se o jovem tiver direito a voz, de comentar e emitir suas impressões sobre as obras lidas, de maneira espontânea e com atitude colaborativa do professor. (GREGORIN FILHO, 2011, p.70)

O professor deve incentivar o hábito da leitura de seus alunos, sobretudo da leitura de obras literárias, porque ela estimula o senso crítico do aluno e também a reflexão sobre vários assuntos, pois a literatura aborda muitas temáticas e se o professor aproveitar todos esses aspectos e der espaço na sala de aula para a discussão com os alunos sobre a obra, o aluno começará a argumentar e exprimir suas opiniões sobre os textos lidos.

Gregorin Filho (2011 p.83) apresenta como o professor deve abordar a obra literária

Depois de despertar o interesse do aluno e prepará-lo para a leitura, é preciso fazer com que ele adentre no universo da obra literária e consiga compilar sua competência textual, com a observação de elementos da obra que merecem atenção como:

- a divisão da obra em capítulos;
- a inserção de outros gêneros na obra;
- ilustrações;
- elementos estruturantes da narrativa;
- papel/ papéis do narrador;
- linguagem utilizada;

Segundo esse autor, é necessário que o professor utilize maneiras para abordar o texto literário e seus aspectos, mas como ensinar a estrutura da narrativa: o enredo, os personagens, o tempo e o ambiente, as características das narrativas.

Cândida Vilares Gancho (2004) mostra como o professor pode ensinar esses elementos que constituem a narrativa. A respeito de como conhecer o tema, assunto e mensagem da obra que são estudadas pelos alunos, ela mostra que é mais simples identificar o assunto, por ser um resumo do enredo. Para conhecer as partes do enredo mais facilmente, é mais prático iniciar pela exposição do início da história. O clímax é a parte mais forte da narrativa, a parte de maior conflito. A complicação e o desfecho ocorrem após essas duas primeiras partes. O narrador também faz parte da estrutura da narrativa, como foi apresentado no primeiro capítulo com D'Onofrio (1995), que mostrou vários tipos de narrador como o narrador-personagem, intruso, onisciente, entre outros.

Após ser visto como trabalhar os elementos característicos da estrutura literária, é importante que o professor utilize em suas aulas de literatura juvenil metodologias para trabalhar o texto literário. Em relação a isso, Gregorin Filho (2011), sugere atividades para o professor ensinar em sala de aula a leitura literária. O primeiro passo é a escolha dos livros a serem trabalhados, sendo bem proveitoso e eficiente um exame diagnóstico que será feito com professores de várias disciplinas e com a coordenação e orientação pedagógica com o objetivo de saber o hábito de leitura do aluno e da família, as obras literárias e gêneros literários mais conhecidos. Com isso, os professores terão maiores conhecimentos sobre o que os alunos leem e buscarão livros literários com temáticas voltadas para o jovem e a sociedade contemporânea, assim o aluno terá a oportunidade de debater assuntos variados e também conhecer melhor o mundo a sua volta. Os livros escolhidos devem estar de acordo com o nível de leitor do 9º ano do ensino fundamental e de acordo com o projeto político- pedagógico da escola.

As aulas de literatura juvenil do 9º ano do ensino fundamental podem ter atividades práticas para que os estudantes possam conhecer as obras literárias e desenvolverem o hábito da leitura literária. Gregorin Filho (2011) sugere atividades como oficina de dramatização, que pode ter ligação com outras disciplinas, como história, pois a literatura mostra épocas, questões sociais e políticas. A oficina de arte também é outra forma de instigar os alunos, ela pode ser feita junto com o professor de artes trabalhando a imaginação dos alunos e o lúdico presente nos livros. Assim, pode-se trabalhar

a temática da obra, solicitando aos alunos que ilustrem, por exemplo, onde se passa o enredo da obra.

Outra possibilidade também é o da literatura na rede, pois os adolescentes estão cada vez mais conectados à internet. O professor pode pesquisar sites que falem da literatura juvenil, verificar autores que fazem blogs de interação com o leitor e também os alunos podem criar um site ou blog com as atividades desenvolvidas pela turma. O quebra-cabeça é uma atividade em que pode ser trabalhada a variedade dos gêneros literários. O professor escolhe dois gêneros com temáticas parecidas e recorta partes da história e pede aos alunos que juntem as partes e identifiquem os livros que foram utilizados por ele.

A propaganda do livro é uma atividade que desperta nos alunos o hábito da leitura, pois eles irão falar sobre os livros que já leram e suas impressões sobre os personagens. Na entrevista com personagens, o professor passa um livro para ser lido pela turma e depois verifica com os alunos qual foi o personagem que mais chamou a atenção deles e solicita um aluno da turma para estudá-lo e em outra aula a turma faz a entrevista com o personagem, muito interessante.

A feira cultural é também um espaço para discussão sobre leitura de textos literários é uma atividade interdisciplinar e muito rica para o aprendizado dos alunos. A roda de leitura é uma atividade em que o professor leva a discussão de uma obra estudada pelos alunos e eles podem falar sobre os aspectos que acharam relevantes do livro. Isso leva os adolescentes a começarem a debater literatura entre eles.

Essas atividades mostram a interação entre as disciplinas, e o **Currículo da Educação Básica do Distrito Federal (2008)** aponta a necessidade de exercícios e projetos que dialogam com outras disciplinas. Dessa maneira, os alunos podem observar o que as disciplinas têm em comum e que cada uma tem a sua importância, mesmo sendo distintas.

Essas são algumas sugestões para se trabalhar literatura juvenil em sala de aula. Cabe ao professor pensar nessas atividades e mostrar aos seus alunos que a literatura é muito rica e que pode ser trabalhada de várias maneiras. Assim é só deixar aflorar a criatividade dos jovens e a aula estabelecerá um diálogo entre o texto, os alunos e o professor. Esses métodos

podem ser eficientes sobretudo para fazer com que o aluno-leitor esteja mais atento, e quem sabe crítico, à leitura que realiza do texto em prosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura de textos literários precisa ser trabalhada em sala de aula com muita responsabilidade, pois os alunos têm necessidade de conhecer os livros literários para que eles possam entender a leitura e compreender cada elemento que constitui a estrutura do texto literário. Nesse processo de aprendizagem, o professor tem um papel fundamental, pois é a partir dele que o aluno poderá estudar a literatura de variadas maneiras, através das metodologias que ele pode aplicar em suas aulas.

A autora Marisa Lajolo (1995) discorre que muitas vezes os textos de literatura são abordados nas aulas apenas com o objetivo de praticar a leitura dos alunos, sem maiores pretensões. Se o texto literário foi abordado dessa maneira, o conhecimento não será eficaz, pois o professor precisa ensinar a estrutura narrativa da obra literária para fornecer elementos para a compreensão do texto e também o desenvolvimento de uma progressiva autonomia de leitura do estudante.

Ceccantinni (2004) destacou que os textos juvenis têm pouca visibilidade em jornais e revistas, mesmo nos dias atuais e isso dificulta o trabalho do professor em encontrar materiais para elaborar suas aulas. Mas ele não pode desaminar, precisa encontrar métodos para debater a literatura no contexto escolar.

Os **PCN'S** de Língua Portuguesa (1998), por sua vez, ressaltam que o texto literário é ficção e tem verossimilhança com a realidade. O texto mostra o homem e a sociedade através de épocas, costumes, contextos histórico-sociais. O ensino do texto literário deve apresentar diversos textos que apontem a literatura e toda a riqueza que ela possui, como o conhecimento cultural e social. Com os **PCN'S**, foi visto que o leitor necessita conhecer os elementos da teoria literária, pois assim ele terá a capacidade de explorar e apreciar as características da obra literária e analisar sua estrutura, como o enredo, os personagens, o ambiente, tempo e espaço. Então, o ensino de literatura juvenil do 9º ano do ensino fundamental não pode ser direcionado somente para a simples leitura, pois o ensino não terá produtividade porque dessa maneira descarta os elementos que constituem o texto literário. Assim se perde o sentido da obra literária e executa-se uma leitura ingênua e superficial.

A pergunta que orientou esta pesquisa era: **quais metodologias podem ser utilizadas para as aulas de literatura juvenil do 9º ano, para uma melhor interpretação dos textos literários pelos alunos?** Como foi aqui discutido, vê-se que múltiplas são as metodologias que podem ser utilizadas no contexto escolar para abordar os livros literários.

Através do autor Gregorin Filho (2011), foram vistas algumas metodologias que o professor pode levar para a sala de aula. Como a roda de leitura, oficina de dramatização, quebra-cabeça, propaganda de livro, entrevista com os personagens. Enfim, tudo isso se torna um recurso a mais, para integrar o aluno ao texto.

Essas sugestões metodológicas tornam a aula mais interessante na visão do aluno, e isso é muito relevante. Nesse processo de aprendizagem o professor tem um papel com grande relevância, pois ele é o responsável por sondar as necessidades de seus alunos e procurar metodologias de ensino que se encaixem nessas dificuldades. Então, as metodologias precisam ser mais práticas como foi apresentado pelo autor Gregorin Filho (2011), pois muitos alunos se distanciam da linguagem literária, por serem utilizados nas aulas de literatura juvenil questionários com o objetivo de analisar somente a leitura, e não o texto literário, dessa maneira não enxergam sentido nesses textos. As metodologias que foram apresentadas se voltam para o diálogo da obra literária entre os alunos e o professor de forma descontraída e buscando dialogar com os adolescentes também através de meios como a internet, dinâmicas e também com outras disciplinas. E isso é importante pois leva o aluno a participar da aula, como aponta **o Currículo da Educação Básica do Distrito Federal (2008) anos finais** que tem por objetivo que o ensino se volte para as práticas sociais. Assim, o aluno pode relacionar os textos com o contexto social em que vive. A aprendizagem deve ser voltada para que os alunos e professores dialoguem de forma interdisciplinar, e as metodologias mostradas, como a oficina de dramatização e feira cultural visam abordar as obras literárias estabelecendo diálogo com outras disciplinas, o que torna o conhecimento mais rico e interessante.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola, 2003.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BRAIT, Beth. **A personagem**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2006.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCNS)** - Texto Literário- Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/7397818/PCN-5-a-8-Serie-Lingua-Portuguesa> acesso em: 28/04/2014.

BRASIL. **Currículo da Educação Básica do Distrito Federal**- Disponível em: <http://www.ucb.br/sites/000/21/Legislacao/9dffund.pdf>. acesso em: 16/05/2014.

CECCANTINI, João Luís . Leitores iniciantes e comportamento perene deleitura. In:Fabiano dos Santos; José Castilho Marques Neto; Tânia M. K. Rösing (orgs.).Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação deleitores. SãoPaulo: Global, 2009, v. 1, p. 207-231.

CECCANTINI, João Luís C. T. Perspectivas de pesquisa em literatura infanto-juvenil.

In: _____. (Org.). **Leitura e literatura infanto-juvenil: memória de Gramado**. São

Paulo: Cultura Acadêmica; Assis: ANEP, 2004. p. 19-37.

COELHO NOVAES, Nelly. **Literatura e Linguagem**. 3. ed. São Paulo: Quíron Limitada, 1980.

COUTINHO, Afrânio. Crítica e teoria literária. Fortaleza: Tempo brasileiro, 1987.

CORRÊA, Hércules Toledo. Adolescentes leitores: Eles ainda existem. In: PAIVA, Aparecida (Org.) et. al. **Literatura e letramento**: espaços, suportes e interfaces - o jogo do livro. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p.51-74.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

CULLER, Jonathan. **Teoria Literária**: uma introdução. São Paulo: Beca, 1999.

CUNHA ANTUNES, Maria Antonieta. **Literatura infantil**: Teoria e prática. 16.ed. São Paulo: Ática, 1997.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Teoria do texto**: Prolegômenos e teoria da narrativa. São Paulo: Ática, 1995.

Filologia. Disponível em: (**A literatura e o ensino de leitura para o público juvenil**. <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/6/07.htm>) .Acesso em: 01 mar.2014.

GANCHÓ, Candida Vilares. **Como analisar narrativas**. 6 ed. São Paulo: Ática, 1999.

GOES PIMENTEL, Lúcia. **Introdução à literatura infantil e juvenil**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1991.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura Juvenil**: adolescência, cultura e formação de leitores. São Paulo: Melhoramentos, 2011,(p.65-100)

LAJOLO, Marisa. Natureza interdisciplinar da leitura e suas implicações na metodologia do ensino. In: ABREU, Márcia. **Leituras no Brasil**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

MASSAUD, Moisés. **A criação literária:** prosa. 9 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1979.

PAULINO, Graça. Livros, críticos, leitores: trânsitos de uma ética. In: Paiva, Aparecida (ORGS). **Literatura e letramento:** Espaços, suportes e interfaces: O jogo do livro. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

Pontifícia Universidade Católica do *Rio Grande do Sul*. Disponível em: (www.pucrs.br/edipucrs/online/pesquisa/pesquisa/artigo5.html). **Literatura infante - juvenil, leitura e ensino**. Acesso em: 02 mar.2014.

PROENÇA FILHO, Domício. **A linguagem literária**. 5.ed. São Paulo: Ática, 1995.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa:** Tomo II. São Paulo: Papyrus, 1995.

ROCHA, Natércia. **Breve história da literatura para crianças em Portugal**. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Educação: Lisboa, 1992.

TAVARES, Hênio. **Teoria Literária**. 7. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.

ZILBERMAN, Regina. CADEMARTORI, Ligia. **Literatura infantil:** autoritarismo e emancipação. São Paulo: Ática, 1992.